

# **Entre o fascismo e o antifascismo: repercussões sociopolíticas no universo futebolístico**

*Between fascism and antifascism:  
sociopolitical repercussions in the soccer universe*

**Francisco Thiago Cavalcante Garcez<sup>1</sup>,  
Laura Hemilly Campos Martins<sup>2</sup>**

**1.** Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE. Especialista em Gestão Pública Municipal pela UNILAB. Bacharel em Serviço Social pela UECE. Professor titular e coordenador de pesquisa e extensão do curso de Serviço Social da Faculdade Princesa do Oeste (FPO). <https://orcid.org/0000-0003-2530-9453> [thiagogarcez@outlook.com.br](mailto:thiagogarcez@outlook.com.br)

**2.** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará. Mestrado em Sociologia, Especialização em Serviço Social, Políticas Públicas e Direitos Sociais e Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará. <https://orcid.org/0000-0002-7609-4678> [lauracampos12@gmail.com](mailto:lauracampos12@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo do presente texto é trazer reflexões acerca do contexto da emergência dos novos movimentos no cenário futebolístico pós-2013. Nesse sentido, a pesquisa foi orientada por uma perspectiva qualitativa, na qual foi realizada pesquisa bibliográfica e pesquisa documental sobre o contexto de emergência das novas torcidas. Além disso, buscamos coletar dados em materiais jornalísticos. O processo de investigação demonstrou que a politização no futebol é reflexo dos antagonismos existentes entre esquerda e direita na sociedade brasileira. É possível inferir, a partir do processo investigativo, que o boom da

politização do futebol trouxe novos acirramentos para as arquibancadas de futebol, abrindo um espaço de disputas entre conservadorismo e progressismo, envolvendo o universo futebolístico.

**Palavras-chave:** Futebol. Fascismo. Antifascismo.

**Abstract:** The aim of this article is to reflect on the context of the emergence of new movements in the post-2013 football scenario. In this sense, the research was guided by a qualitative perspective, in which bibliographical research and documental research was carried out on the context of emergence of new fans. In addition, we seek to collect data from journalistic materials. The investigation process showed that politicization in football is a reflection of the antagonisms between left and right in Brazilian society. It is possible to infer, from the investigative process, that the boom in the politicization of football has brought new surges to the football stands, opening a space for disputes between conservatism and progressivism, involving the football universe.

**Keywords:** Soccer. Fascism. Antifascism.

Nos últimos anos é perceptível uma conturbação sociopolítica no Brasil. O país embarcou (e continua) numa crise que foi motivada por questões ideológicas, disparidades entre projetos societários de diversos protagonistas políticos e pelo fracasso da coalizão partidária do lado que governou até o impeachment da ex-presidenta Dilma Vana Rousseff.

O acontecimento é visto como um marco fruto de processos complexos que envolvem diversos atores políticos. Foi possível perceber rebatimentos e a emergência de novos movimentos, coletivos e organizações sociais decorrentes desse processo em diversos espaços, dentre eles, no futebol (exemplos: Ceará Gospel e Ceará Antifascista do Ceará Sporting Club e, Movimento Cristão e Resistência Tricolor do Fortaleza Esporte Clube).

Há cerca de 60 torcidas de futebol antifascistas representando clubes brasileiros de todas as regiões [...] Com exceção da Ultras Resistência Coral, torcida do Ferroviário, que foi criada em 2005 e ostenta o título de torcida

antifascista mais antiga do Brasil, todos os outros movimentos foram fundados a partir de 2014, ano em que Bolsonaro foi eleito o deputado mais votado do Rio de Janeiro e já anunciou que seria candidato à Presidência no pleito seguinte (EL PAÍS, 2019).

Embora a primeira torcida autointitulada “politizada” do Brasil tenha sido a Ultras Resistência Coral, criada em 31 de julho de 2005, é na década de 2010 que é perceptível um boom de movimentos politizados nas arquibancadas brasileiras.

Refletir sobre questões emergentes pós-2013 no futebol e o conservadorismo/antifascismo na atual conjuntura brasileira se faz necessário para contribuir com a compreensão de nosso atual contexto. Considerando que o futebol é um influente meio de transmissão de ideologias e perspectivas políticas, o que está posto é um cenário contraditório no qual grupos se enfrentam no campo das ideologias consubstanciando uma lógica de conflito. Tal questão põe em jogo questões políticas que envolvem um certo direcionamento ideológico de indivíduos.

O avançar de agendas conservadoras e pautas neoliberais que golpearam as classes subalternas e minorias sociais é consequência da crise política no país que deflagrou uma crise econômica. Diversos partidos de oposição e outros que sustentavam a governabilidade do presidencialismo de coalizão do Partido dos Trabalhadores (PT) organizaram um impeachment que culminou em uma série de medidas que golpearam as camadas subalternas por meio de planos de austeridade e corte de direitos.

A partir das manifestações de 2013 no país, percebeu-se uma bifurcação política<sup>1</sup> de indivíduos que reclamam estar situados ou mais alinhados entre

---

**1.** Bifurcação no sentido de divisão, ao ponto que a grande massa brasileira no decorrer da história era conhecida pela sua passividade. Lima Barreto, escritor do século XX, afirmava que o Brasil não tinha povo, mas sim público. A partir de 2013, foi notável que os indivíduos passaram a dar mais importância à política. O que culminou com tensionamentos entre esquerda e direita que ocorre até atualmente e passaram a gerar certa preocupação na sociedade brasileira, principalmente pelo aumento de discursos de ódio contra minorias.

pelo menos dois espectros ideológicos antagônicos: esquerda e direita. Viu-se o acirramento de uma polarização de sujeitos que se identificam como de direita ou de esquerda, bem como maior manifestação (não necessariamente participação) desses sujeitos no âmbito político.

A manifestação política não é uma novidade na história brasileira, novas são as características, como a imersão política nas redes sociais, nos aplicativos de comunicação, na webmídia, nos sites de compartilhamento de vídeo. Configurando-se como particularidades tecnológicas cumulativas de um determinado período histórico, sendo utilizadas por agentes políticos como instrumento chave para comunicação com seus adeptos.

Deste modo, foi também percebido a emergência de novos movimentos (Movimento Brasil Livre, Vem Pra Rua, Revoltados Online, Mídia Ninja etc.), que reclamam estarem situados entre os polos esquerda-direita do mapa político dos espectros ideológicos. São movimentos que focalizam a maioria de suas atividades na internet contribuindo com a codificação e interpretação de informações para públicos específicos. Esses movimentos foram protagonistas de vários episódios de tensões<sup>2</sup>, conflitos e violência que aconteceram nessa conjuntura, envolvendo indivíduos tanto de esquerda quanto de direita.

Essa configuração política repercutiu em diversos campos sociais, dentre eles o futebol, no qual é sabido que ainda hoje existe um mito que desporto e política não podem se consubstanciar. Trata-se de uma falácia refutada por teóricos da Sociologia do Esporte (GUTERMAN, 2014; GIULIANOTTI, 2010; PIMENTA, 1997; TOLEDO, 1996). O futebol como “espelho da sociedade” (PIMENTA, 1997) reflete questões intrínsecas a civilização. Desse modo, questões políticas e sociais são vislumbradas nas arquibancadas, nos clubes e nos novos movimentos (estes que se consolidam a cada partida).

É possível compreender os processos de formação da sociedade brasileira a partir do futebol, foi o que Mauro Filho (2003) demonstrou isso com a obra “O Negro no Futebol”. O futebol é um microcosmo social (MURAD, 2012).

---

**2.** O apogeu desses conflitos se deu a partir das eleições presidenciais de 2018, no qual Jair Bolsonaro, até então deputado federal, agiu como uma liderança legitimadora de um discurso extremamente reacionário, conservador e de ataque às minorias sociais.

É crível afirmar que o futebol é uma amostra da sociedade, ou seja, é possível uma leitura da sociedade através desse esporte.

Destarte, paulatinamente, movimentos de esquerda e direita foram ocupando espaços nas arquibancadas em dias de jogos, destacam-se o Ceará Gospel e Ceará Antifascista do Ceará Sporting Club e, Movimento Cristão e Resistência Tricolor do Fortaleza Esporte Clube. Cabe destacar que, mesmo antes da conjuntura de bipolarização política brasileira, já existia a Ultras Resistência Coral, torcida antifascista do Ferroviário Atlético Clube, fundada em 2005, com o seguinte lema: “Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes”. No futebol, como microcosmo social, também temos a emergência de movimentos conservadores e, do mesmo modo, de antifascistas (progressistas), situados nos polos esquerda-direita do mapa político. Estes reclamam uma posição de enfrentamento a posturas consideradas conservadoras reproduzidas no universo futebolístico desde a gênese do futebol brasileiro (homofobia, machismo, racismo).

Estudiosos que se debruçaram sobre a categoria fascismo (KONDER, 1977; BOBBIO, 2001; PAXTON, 2007; TIBURI, 2015; FAUSTO, 2017) nos mostram que esta conduta política permanece latente no interior das civilizações modernas. No Brasil discursos chauvinistas, homofóbicos, racistas, machistas, conservadores, ou seja, ideias identificadas com o fascismo ganharam força nos últimos anos. E, estes discursos se revelam impetuosamente em microcosmos sociais, como o futebol.

As torcidas antifascistas, que se reconhecem enquanto esquerda, partem da compreensão do fascismo latente que deve ser combatido para evitar o seu fortalecimento. No entanto, estas novas torcidas sofrem retaliações por levantarem bandeiras políticas<sup>3</sup> nas partidas de futebol.

Entendemos o futebol como um esporte que reproduz práticas cristalizadas da sociedade, mas também um espaço de rupturas. Esse esporte foi e é um palco de manifestações, lutas e de resistências, embora as instituições

---

**3.** Exemplos: apoio às lutas das mulheres, do movimento LGBTQI+, às minorias sociais, lutas contra racismo, homofobia etc. Além de um tensionamento contra atitudes reacionárias e autoritárias e qualquer conduta que represente uma ameaça fascista.

detentoras do controle desse esporte refutem tal constatação, corroborando com o conservadorismo as entidades elitistas afirmam que a política não tem território no futebol.

Futebol e política é uma relação desejável quando convém. É sabido que o racismo se tornou crime no Brasil e vem sendo combatido no mundo, tanto que existem campanhas contra o racismo por parte de torcedores, jogadores, clubes e entidades. A luta contra o racismo já foi incorporada mesmo por setores conservadores, sendo aceita e combatida no futebol, mesmo pelas entidades máximas, que pregam a incompatibilidade entre este esporte e política. Por outro lado, homofobia, que é uma perseguição contra outro grupo tido como minoria, que é muito presente no futebol, não é combatida com o mesmo vigor.

A própria construção histórica do futebol brasileiro revela elementos para análise. No início do século xx, nas práticas esportivas relacionadas ao futebol, no país, havia claramente dois espaços, um da elite branca e outro dos pobres e negros. Filho (2003) expõe o caso de um jogador negro de futebol do Fluminense Football Club: Carlos Alberto Fonseca Neto. Conforme o autor, como se tratava de um jogador negro, “preparava-se para ele, por isso mesmo, cuidadosamente, enchendo a cara de ‘pó-de- arroz’, ficando quase cinzento (p.60). Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção [...]”. Nos últimos anos as instituições internacionais, os clubes e as torcidas passaram a combater o racismo no futebol. Mas, mesmo com uma sensibilização neste sentido, é perceptível um racismo estrutural que emerge, sobretudo, na quebra de sublimação dos torcedores.

Tanto o racismo quanto a homofobia são fenômenos componentes da dinâmica futebolística, no entanto a sociedade se suavizou mais com a questão racial do que com a do gênero. O futebol expressa essa relação como instrumento de manifestações políticas.

Mesmo com o mito cultural atrelado ao ditado que futebol não deve se misturar com política, é comum até as entidades máximas apoiarem manifestações políticas que lhes convém (conservadoras) do que outras (contestadoras/progressistas), como a manifestação nacionalista de dois jogadores da Seleção de Futebol Masculino da Suíça, Xhaka e Shaqiri, na comemoração de gols na

Copa do Mundo de 2018, na qual foram punidos com a justificativa que o futebol não é espaço para tais manifestações.

Outro exemplo é a exposição midiática de muitas faixas pelos estádios do Brasil com os dizeres “Lula Livre”, que foram retiradas pela polícia com a mesma justificativa, seja em Recife, Manaus, São Paulo ou Porto Alegre. Seguindo a mesma lógica de manifestação política no fim de 2017, a diretoria do Fortaleza Esporte Clube, antes do jogo contra o Sampaio Correa Futebol Clube, apresentou um grande cartaz a favor da vida, numa empreitada contra o aborto, manifestação claramente política que não teve a mesma repercussão midiática que as tidas como contestadoras. No entanto, gerou um conflito com torcedores ditos de esquerda. Assim, as manifestações conservadoras se revelam aceitas pelo Estado, entidades e por grande parcela de torcedores, enquanto as contestadoras são deslegitimadas com a máxima da “incompatibilidade entre futebol e política”.

Essa contradição denota um antagonismo entre torcedores, dirigentes e entidades. É pertinente compreender que o futebol é sim um espaço para manifestações políticas e que no interior das praças esportivas futebolísticas é nítido um tensionamento social entre indivíduos e grupos. Além disso, que existe uma troca, ou seja, uma repercussão sociopolítica do micro para o macrocosmo social e vice-versa no que diz respeito a este desporto.

O futebol envolve uma série de questões complexas que estão muito além da prática esportiva.

Pimenta (1997, p.39) tece um comentário sobre a importância deste esporte para o Brasil a seguir.

O esporte contribui para desvendar as facetas históricas, sociológicas, psicológicas, antropológicas e políticas de uma sociedade, abrindo-se possibilidades de caminhar, simultaneamente, na descoberta de segredos diversos. Em outras palavras, não é apenas a arte de chutar, driblar, dançar, brincar, deslizar, correr atrás do “balão de couro”. Ele envolve inúmeros interesses de cunhos ideológicos, econômicos, religiosos, entre outros

O futebol, como mostrado anteriormente, é uma categoria que envolve emoção, moral, ética, identidade, conflito, violência. Portanto, trata-se de um universo complexo que pode ser tomado até como uma amostra para pesquisa de uma determinada sociedade.

Pimenta (1997), ao tratar sobre as torcidas organizadas de futebol, chega ao entendimento sobre esse esporte ser uma espécie de “espelho” da sociedade, pois reflete características elementares desta. Por consequência, numa sociedade machista e homofóbica, temos essas características expressas em nível semelhante.

Murad (2012) concorda com o autor supramencionado, ao afirmar que o futebol é um microcosmo social, uma amostra da sociedade (macro). Arquibancadas divididas, pobres (arquibancada) e ricos (premium) em diferentes locais no mesmo estádio. É posto que o futebol reproduz características da sociedade. Nesse sentido, se temos um crescimento de tendências fascistas o futebol poderá mostrar.

Gohn (2017) identifica uma nova conjuntura a despeito dos movimentos sociais no Brasil. Ela demarca três categorias: os movimentos clássicos (sindicatos, movimentos de luta por terra), novos movimentos – emancipatórios (LGBT, MOVIMENTO NEGRO) e os “novíssimos movimentos”, termo usado pela autora para se referir aos movimentos e coletivos que surgiram na Era da Internet, com características que se diferem dos demais. A maior parte destes possui as redes sociais como forma básica de constituição e atuação. Ela descreve 3 (três) desses novos movimentos: Movimento Brasil Livre (MBL), Movimento Passe Livre (MPL) e Vem Pra Rua (VPR), estes foram protagonistas das grandes manifestações que aconteceram a partir de 2013 no Brasil. Para Gohn (idem), estes acontecimentos construíram novos significados às lutas sociais, o que impactou o campo da política e tensionou a correlação das forças político-partidárias.

O seguimento do processo de impeachment contra a Presidenta Dilma Rousseff mostrou nitidamente um frenético avançar das forças conservadoras. As redes sociais passaram a ser utilizadas como espaço de discussão, conflito e tensionamento entre brasileiros. Mas não foi só isso, era um lugar de propaganda, de liberdade de expressão, de ataques a grupos historicamente



excluídos da esfera política nacional, tudo isso de forma “anônima” (sensação de anonimato).

Gohn (2017) percebe o potencial mobilizador da internet, mas faz um alerta sobre a seleção, focalização e decodificação das informações, que são realizados por uma pluralidade de atores e agentes numa disputa pela interpretação e significado dos fatos, portanto grupos de diferentes naturezas e objetivos apropriam-se da opinião pública para formação de consensos o que culmina com consequências políticas.

Konder (1997) considera o fascismo um dos fenômenos mais significativos do século xx. Destaca que nem todo movimento reacionário/autoritário ou repressão é fascista. O fascismo se trata de um movimento mais complexo: Benito Mussolini (ITÁLIA) e Adolf Hitler (ALEMANHA) seriam pioneiros de uma nova concepção política da direita. O fascismo, para Konder (IDEM), é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antiope-rário, e condições são pressupostas para que seja possível seu crescimento num determinado país:

[...] uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas); pressupõe também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele em certo nível de fusão do capital bancário com o industrial, o capital financeiro (KONDER, 1997, p. 21).

A manifestação máxima do fascismo foi possível graças a condições pre-existentes (KONDER, 1977; PAXTON, 2007). Não se tratou, pois, de um fato histórico isolado, mas de um fenômeno moldado no interior de sociedades industrializadas com interconexões com acontecimentos (nacionais e internacionais), ideologias e demarcações de posicionamento político.

Elias (1997), ao interpretar o nazismo, expõe que o fenômeno não foi algo fortuito, mas que foi construído a partir da reprodução de um hábitus inerente ao processo histórico de construção da Alemanha.

Paxton (2007) busca expor os processos pelos quais os fascismos surgiram, cresceram, radicalizaram-se num fascismo extremo (*fascist maximum*). Acerca dos espectros ideológicos (o que não é foco de seu trabalho), afirma que o fascismo mantinha uma ambiguidade em relação a analogia do mapa político de esquerda-direita, tanto que o próprio regime afirmara que o mapa se tornara obsoleto (p.29). Paxton (*idem*) demonstra que o fascismo existe (numa espécie de nível um, permanecendo latente) em todas as sociedades democráticas. No futebol, portanto, não é diferente. Na diversidade dos times, é visto como um microcosmo social que reproduz no interior da dinâmica do jogo antagonismos ideopolíticos.

Com todo o movimento nessa esfera é possível perceber um avanço do conservadorismo no meio futebolístico, assim como um acirramento de antagonismos entre grupos identificados com direita ou esquerda: as torcidas antifascistas entendem o fascismo como uma tendência, não necessariamente manifestada apenas pelo Estado fascista, mas pelos indivíduos, agentes políticos, intelectuais, líderes políticos e pelo povo. As torcidas identificadas como conservadoras entendem o conservadorismo como uma busca para preservar características julgadas como positivas na sociedade, evitando exaustivamente agressões à moral e aos bons costumes que julgam necessários.

Tais características culminam com práticas que buscam golpear e sabotar o outro, mesmo sendo estes de uma mesma torcida. Exemplo: tensões entre uma parte conservadora da Torcida Uniformizada do Fortaleza e outra progressista da Resistência Tricolor, do mesmo time. Comparativamente isso vem ocorrendo em outras esferas da sociedade.

As torcidas antifascistas entendem o fascismo como uma tendência, não necessariamente manifestada apenas por um Estado Fascista, mas pelos indivíduos, agentes políticos, intelectuais, líderes políticos e pelo povo. Desse modo, não taxam indivíduos como fascistas, mas condenam atitudes, como qualquer ataque às minorias ou autoritarismos.

Assim, a coexistência com outras torcidas não é pacífica, mas marcada por conflitos que envolvem visões de mundo. Desse modo, os novos movimentos que emergiram partir de 2013 são reflexo da conjuntura sociopolítica brasileira,

como uma das expressões desse momento de acirramento entre diversos grupos na esfera política brasileira.

É sabido que o Brasil entrou numa empreitada de manifestações políticas envolvendo indivíduos que se reclamam progressistas ou conservadores. O que impactou diversos espaços, tal como o futebolístico que, enquanto um microcosmo social, reproduz no interior da dinâmica do jogo questões sociopolíticas.

O contexto de emergência dos novos movimentos inseridos no futebol reflete os antagonismos perceptíveis no contexto social brasileiro. A preocupação dos diversos agentes envolvidos com as forças democráticas é posta em tela com atitudes autoritárias e reacionárias de pessoas, grupos e movimentos sociais. No entender de Paxton (2007) existe um fascismo latente no interior das sociedades, o que evidencia uma necessidade de enfrentamento no que diz respeito a esta tendência. Logo, determinados indivíduos e grupos enfrentam o discurso autoritário. No futebol este protagonismo pertence às torcidas alinhadas com pautas de esquerda.

Assim, a emergência de torcidas organizadas progressistas e conservadoras possuem motivações distintas, mas ambas foram influenciadas pela nova dinâmica marcada pelo antagonismo direita-esquerda no Brasil. A primeira surge como uma resposta à onda conservadora e a segunda como resposta ao fortalecimento de pautas progressistas no Brasil, como igualdade de gênero, acesso a direitos sociais etc.

Por fim, cabe ressaltar aqui que não era objetivo deste estudo uma análise aprofundada sobre as torcidas antifascistas ou sobre as conservadoras, mas sim analisar o contexto de emergência destas novas torcidas. Com isso, foi possível discutir a conjuntura sociopolítica brasileira pós-2013, seus rebatimentos no futebol, assim como questões concernentes a este contexto que são expostas na atmosfera futebolística.

## Referências

ABRAMOVAY, M. **Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, CUFA-DF, PPCAAM, 2010.

ARENDET, H. **Sobre a Violência**. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro:

RelumeDumará, 1994. ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

AZEVEDO, N. **História do Campeonato Cearense de Futebol**. Fortaleza: Coleção Memória Equatorial, 2002.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 88 p.

DAOLIO, J. **As contradições do futebol brasileiro**. Revista Digital, Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 3, n.10, maio 1998. Disponível em: [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acesso em: 11 fev. 2011.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretária da Cultura e Desporto, 1998.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1985. p. 421

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, N. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FAUSTO, R. **O Ciclo do totalitarismo**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 343 p.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2013.

GARCEZ, F. T. C. **Violência entre torcidas organizadas de futebol em Fortaleza: para além das praças esportivas**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013.

GARCEZ, F. T. C.; MARTINS, L. H. C.; GUILHERME, I. M.; *et al.* Fascismo Latente e a Agenda Conservadora No Brasil. **Revista Uniabeu**, v.12, n.30, p.161–174, 2019. Disponível em: <<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/3565/pdf>>.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socio-culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2014.

KONDER, L. **Introdução ao Fascismo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

PAXTON, R. O. A anatomia do fascismo. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e auto-afirmação. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

SILVA, G. J. Conceituações teóricas: esquerda e direita. **Humanidades em diálogo**, São Paulo, v. 6, p. 149-162, nov. 2014. ISSN 1982-7547. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/106265>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). Georg Simmel: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983 a. (Col. Grandes Cientistas Sociais, v. 34).

SIMMEL, G. A competição. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). Georg Simmel: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Grandes Cientistas Sociais, v. 34).

SIMMEL, G. Conflito e a estrutura do grupo. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). Georg Simmel: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Grandes Cientistas Sociais, v. 34).

TOLEDO, L. H. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

**Recebido:**25/08/2021

**Aceito:**27/08/20121